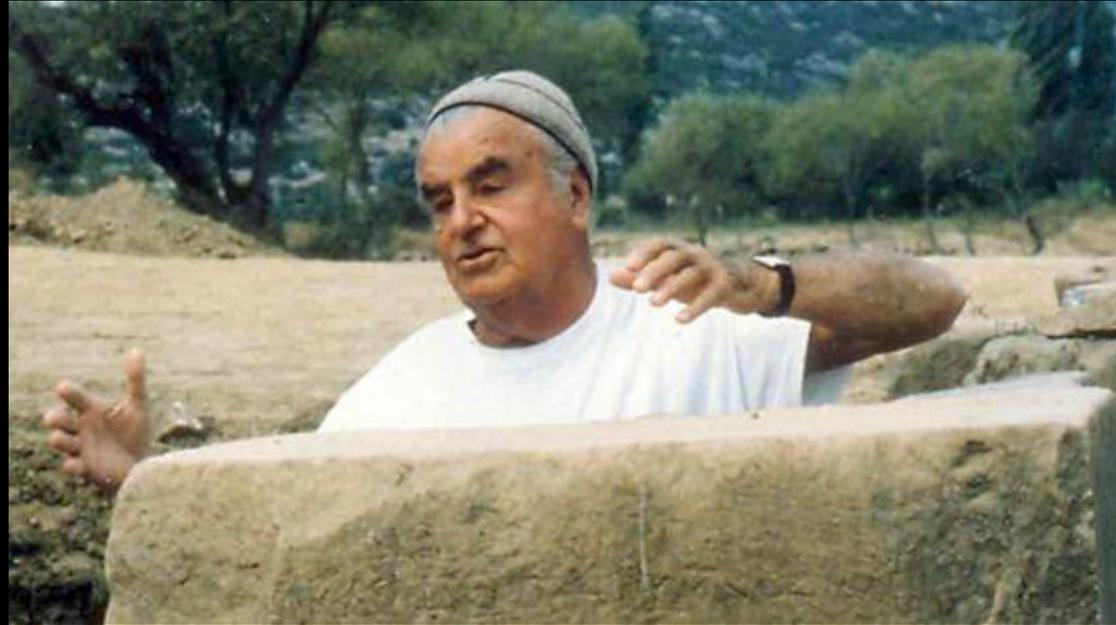


Aula 12 – Análise estrutural do mito (fim)

1. O mito das cinco raças em Hesíodo



Jean-Pierre Vernant (1914-2007)

“Le mythe hésiodique des races: essai d’analyse structurale”, *Revue de l’histoire des religions*, 1960, p. 21-54.

“Le mythe hésiodique des races: sur un essai de mise au point”, *Revue de philologie*, 1966, p. 247-276.

“Méthode structurale et mythe des races”, In: J. Brunschweig; C. Imbert; A. Roger (ed.). *Histoire et structure: à la mémoire de Victor Goldschmidt*, Paris, Vrin, 1985, p. 43-60.

Em PT: J.-P. VERNANT. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 27-132.

OS TRABALHOS E OS DIAS - sinopse

I – TRABALHOS

Proêmio (1-10)

As duas formas de Éris (11-26)

A disputa com Perses (27-41)

Prometeu e o mito de Pandora (42-105)

O mito das idades (106-201)

A idade de ouro (106-126)

A idade de prata (127-142)

A idade de bronze (143-155)

A idade dos heróis (156-173)

A idade de ferro (174-201)

A fábula do rouxinol e do falcão (202-212)

Advertências a Perses (213-335)

Instruções morais (335-382)

Os trabalhos no campo (383-617)

Semeadura e colheita (383-404)

Aradura e outono (405-492)

As estações do ano com seus diferentes trabalhos (493-617)

Inverno (493-563)

Primavera (564-581)

Verão (582-608)

Outono (609-617)

A navegação (618-694)

A vida social (695-764)

O casamento (695-705)

Os amigos (706-716)

Regras de comportamento (717-764)

II – DIAS

Dias favoráveis (765-779)

Dias favoráveis e dias desfavoráveis (780-804)

Dias favoráveis (805-821)

Dias neutros (822-825)

Conclusão (826-828)

DIVERSOS PARALELOS ORIENTAIS

(1) Avesta

“Em dois livros perdidos do Avesta, descrevia-se uma visão em que Ahura Mazda revelava o futuro a Zoroastro. Na versão do *Sudkar* ou *Sudkar Nask*, resumida no *Denkart* 9.8 Pahlavi e em *Bahman Yast* 1.2-5, o profeta vê uma árvore com quatro galhos, um de ouro, um de prata, um de aço e um de liga de ferro, e o deus lhe explica que essas são as quatro idades sucessivas em que se dividirão os mil anos do zoroastrismo.”

(2) Antigo Testamento

“No livro de Daniel 2:31ss, Nabucodonosor sonha com uma grande estátua com uma cabeça de ouro, peito e braços de prata, barriga e coxas de bronze, pernas de ferro e pés de ferro misturado com barro. Daniel explica ao rei que as várias partes representam cinco reinos mundanos sucessivos, o primeiro (o de ouro) sendo o dele, e os outros inferiores a ele. Depois do quinto reino, Deus instalará um outro que durará para sempre.



(3) Domínio indiano

“Na literatura indiana, mas não na mais antiga, encontramos a doutrina de quatro idades do mundo (*yugas*)... Sua duração decresce proporcionalmente, assim como a justiça; o mal e a doença aumentam progressivamente. [...] Não há simbolismo metálico, mas Vishnu assume cores diferentes nas diferentes idades – branco, vermelho, amarelo, preto – correspondendo às diferentes castas.”

(M. L. WEST (ed.). *Hesiod. Works and Days*. Oxford: Calrendon Press, 1978, p. 174-176.)

Daniel, 2

31"Tu olhaste, ó rei, e diante de ti estava uma grande estátua: uma estátua enorme, impressionante, de aparência terrível.

32A cabeça da estátua era feita de ouro puro; o peito e o braço eram de prata; o ventre e os quadris eram de bronze;

33as pernas eram de ferro; e os pés eram em parte de ferro e em parte de barro.

34Enquanto estavas observando, uma pedra soltou-se, sem auxílio de mãos, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmigalhou.

35Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados, viraram pó, como o pó da debulha do trigo na eira durante o verão. O vento os levou sem deixar vestígio. Mas a pedra que atingiu a estátua tornou-se uma montanha e encheu a terra toda.

36"Foi esse o sonho, e nós o interpretaremos para o rei.

Daniel, 2

37 Tu, ó rei, és rei de reis. O Deus dos céus concedeu-te domínio, poder, força e glória;

38 nas tuas mãos ele pôs a humanidade, os animais selvagens e as aves do céu. Onde quer que vivam, ele fez de ti o governante deles todos. Tu és a cabeça de ouro.

39 "Depois de ti surgirá um outro reino, inferior ao teu. Em seguida surgirá um terceiro reino, reino de bronze, que governará toda a terra.

40 Finalmente, haverá um quarto reino, forte como o ferro, pois o ferro quebra e destrói tudo; e assim como o ferro despedaça tudo, também ele destruirá e quebrará todos os outros.

41 Como viste, os pés e os dedos eram em parte de barro e em parte de ferro. Isso quer dizer que esse será um reino dividido, mas ainda assim terá um pouco da força do ferro, embora tenhas visto ferro misturado com barro.

Daniel, 2

42 Assim como os dedos eram em parte de ferro e em parte de barro, também esse reino será em parte forte e em parte frágil.

43 E, como viste, o ferro estava misturado com o barro. Isso significa que se farão alianças políticas por meio de casamentos, mas a união decorrente dessas alianças não se firmará, assim como o ferro não se mistura com o barro.

44 "Na época desses reis, o Deus dos céus estabelecerá um reino que jamais será destruído e que nunca será dominado por nenhum outro povo. Destruirá todos os reinos daqueles reis e os exterminará, mas esse reino durará para sempre.

45 Esse é o significado da visão da pedra que se soltou de uma montanha, sem auxílio de mãos, pedra que esmigalhou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro.

"O Deus poderoso mostrou ao rei o que acontecerá no futuro. O sonho é verdadeiro, e a interpretação é fiel".

Mito da decadência?

“Ainda que os *Trabalhos* sejam o primeiro texto em que encontramos o que se costuma chamar o ‘mito das idades’, é certo que a ideia desse mito não é uma invenção de Hesíodo. [...] Há, de todo modo, em todas essas lendas, um elemento comum, a ideia de uma decadência constante da humanidade. [...] [O fundo tradicional dessa história, indo-europeu,] comportava provavelmente, como nos textos sânscritos ou persas, uma divisão em quatro idades, e essas idades já se chamavam idades de ouro, de prata, de bronze e de ferro, cada uma delas marcando uma etapa de decadência da humanidade. Hesíodo alterou esse mito primitivo com o objetivo de harmonizá-lo, primeiramente com seu propósito moralizante, em seguida com lendas épicas que ele não podia contradizer, e enfim com certas crenças ou certos cultos que ele não queria parecer desconhecer por seu silêncio.”

(P. MAZON (ed.). *Hésiode. Les Travaux et les jours*. Édition nouvelle. Paris: Hachette, 1914, p. 58-60.)

“Quando subtraímos da narrativa de Hesíodo tudo o que parece ter sido inserido para fazer justiça à memória popular [*folk memory*], tudo o que sobra é a doutrina das quatro raças metálicas, cada uma das quais é mais pecaminosa que sua predecessora e mais rápida a envelhecer. A narrativa da última raça é amplamente moldada na forma de uma profecia.”

(M. L. WEST (ed.). *Hesiod. Works and Days*. Oxford: Calrendon Press, 1978, p. 174.)

3 incongruências na interpretação da decadência:

1. compatibilidade com a moral (v. 213: ὦ Πέρση, σὺ δ' ἄκουε δίκης, μηδ' ὕβριν ὄφελλε:);
2. inserção da raça não-metálica dos heróis;
3. desejo de ter já morrido ou de nascer depois (v. 174-175).

1.1. Estrutura da mensagem

“A sucessão de γένη (aqui ‘estirpes, gerações’ de homens) representa a articulação estrutural da narrativa, claramente escandida no texto. Depois de uma introdução sintática (106-108), seguem-se: 1. estirpe de ouro: 109-126; 2. estirpe de prata: 127-142; 3. estirpe de bronze: 143-155; 4. estirpe dos heróis: 156-173; 5. estirpe de ferro: 174-201. Cada estirpe é enumerada: πρώτιστα 109, δεύτερον 126, τρίτον 143, τέττατον 157, πέμπτοι 174. O tratamento de cada uma segue a sucessão expositiva ‘origem → existência (tipo de) → desaparecimento → destino após a morte’. Esses núcleos informativos se organizam em três unidades estruturais, sintaticamente autônomas e formalmente definidas: introdução (assinalada por um numeral e pela articulação com um metal – com exceção de 156ss); corpo central, ligado ao segmento precedente pelo padrão ‘pronome demonstrativo + μέν’ em função confirmativa: οἱ μέν 111, τοὺς μέν 137, καὶ τοὶ μέν 152, καὶ τοὺς μέν 161 (mas Ζεὺς δέ 180); conclusão, no mais das vezes introduzida pelo sintagma formular: αὐτὰρ ἐπεὶ 121 e 140, ἔνθ’ ἧ τοι 166, καὶ τότε δὴ 197.”

(A. ERCOLANI (ed.). *Esiodo. Opere e giorni* [2010]. Roma: Carocci, 2021, p. 160-161, com eliminação das referências bibliográficas)

γένος χρύσειον

γένος ἀργύρεον

χειρότερον (v. 127)

οὐκ ἀργυρέω οὐδὲν ὅμοιον (v. 144)

ὑβριν (v. 134)

γένος χάλκειον

γένος θεῖον ἀνδρῶν ἡρώων

ὑβριες (v. 146)

δικαιότερον καὶ ἄρειον (v. 158)

γένος σιδήρεον

γένος σιδήρεον

ὡς τὸ πάρος περ (v. 184)

αἴψα (v. 185)

ὑβριν (v. 191)

δίκη δ' ἐν χερσὶ (v. 192)

“A análise minuciosa do mito vem assim confirmar e frisar em todos os aspectos o esquema que, desde o início, as grandes articulações do texto parecera nos impor: não cinco raças se sucedendo cronologicamente segundo uma ordem de decadência mais ou menos progressiva, mas uma construção com três andares, cada um se dividindo em dois aspectos opostos e complementares.”

(J.-P. VERNANT. O mito hesiódico das raças: ensaio de análise estrutural. In: IDEM. *Mito e pensamento entre os gregos*. 2.ed. [1988]. Trad. Haiganuch Sarian. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p. 27-59, aqui p. 51.)

1.2. Códigos

	metal	quem os fez	idade	comida	como morrem	pós-morte	honra	atividade
1	ouro	ἀθάνατοι ποίησαν Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες (v. 110)	οὐδέ τι δειλὸν / γῆρας ἐπῆν, αἰεὶ δὲ πόδας καὶ χεῖρας ὅμοιοι (v. 113-114)	καρπὸν δ' ἔφερε ζεῖδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλὸν τε καὶ ἄφθονον (v. 117-118)	θνήσκον δ' ὥσθ' ὕπνω δεδμημένοι (v. 116)	δαίμονες [...] ἐπιχθόνιοι (v. 122-123)	γέρας βασιλῆιον (v. 126)	ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες (v. 112) ἄρουρα / αὐτομάτη (v. 117-118) ἦσυχαι (v. 119) ἐσθλοὶ [...] φύλακες (v. 123) γέρας <u>βασιλῆιον</u> (v. 126)
2	prata	ποίησαν Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες (v. 128)	ἑκατὸν μὲν παῖς ἔτεα παρὰ μητέρι (v. 130) [+ v. 132-133]	[sem menção]	παυρίδιον ζώεσκον ἐπὶ χρόνον, ἄλγε' ἔχοντες / ἀφραδίης (v. 133-134)	ὑποχθόνιοι μάκαρες (v. 141)	δεύτεροι, ἀλλ' ἔμπης τιμὴ καὶ τοῖσιν ὀπηδεῖ (v. 142)	οὐδ' ἀθανάτους θεραπεύειν / ἤθελον οὐδ' ἔρδειν μακάρων ἱεροῖς ἐπὶ βωμοῖς (v. 135-136)
3	bronze	Ζεὺς δὲ πατὴρ [...]ποίησ' (v. 134-144)	[sem menção: sempre adultos]	οὐδέ τι σῆτον / ἦσθιον (v. 146-147)	χείρεσσιν ὑποσφετέρησι δαμέντες (v. 152)	βῆσαν ἐς εὐρώεντα δόμον κρυεροῦ Αἴδαο / νόνημοι (v. 153-154)	[sem menção]	<u>Ἄρηος / ἔργ'</u> (v. 145-146) <u>μεγάλη δὲ βίη καὶ χεῖρες ἅαπτοι</u> (v. 148)
4	[heróis]	Ζεὺς Κρονίδης ποίησε (v. 158)	[sem menção: sempre adultos]	[pós-morte para (b):] τοῖσιν μελιηδέα καρπὸν / τρεῖς ἔτεος θάλλοντα φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα (v. 172-173)	πόλεμός τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνή, [...] ὄλεσε (v. 161-163)	(a) τοὺς μὲν θανάτου τέλος ἀμφεκάλυψε (v. 166) (b) τοῖς δὲ [...] ἐν μακάρων νήσοισι (v. 167-173)	[sem menção]	<u>πόλεμός τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνή</u> (v. 161)
5a	ferro	[sem menção]	γηράσκοντας (v. 185)	οὐδέ ποτ' ἦμαρ / παύονται καμάτου καὶ οἰζύος (v. 176-177)	Ζεὺς δ' ὀλέσει (v. 180)	[θνητοῖς] (v. 201)	[sem menção]	οὐδέ ποτ' ἦμαρ / παύονται <u>καμάτου</u> καὶ οἰζύος (v. 176-177)
5b	ferro	[sem menção]	εὐτ' ἂν γεινόμενοι πολιοκρόταφοι τελέθωσιν (v. 181)	οὐδέ ποτ' ἦμαρ / παύονται καμάτου καὶ οἰζύος (v. 176-177)	Ζεὺς δ' ὀλέσει (v. 180)	[θνητοῖς] (v. 201)	[sem menção]	οὐδέ ποτ' ἦμαρ / παύονται <u>καμάτου</u> καὶ οἰζύος (v. 176-177)

“Se se traduz esse jogo de imagens e de correspondências simbólicas em nossa linguagem conceitual, pode-se apresentá-lo sob a forma de um quadro com várias entradas em que a mesma estrutura, repetida regularmente, estabelece, entre setores diferentes, as relações de ordem analógica, série de raças, níveis funcionais, tipos de ações e de agentes, categorias de idades, hierarquia dos deuses nos mitos de soberania, hierarquia da sociedade humana, hierarquia das forças sobrenaturais diferentes dos *théoi* – a cada vez, os diversos elementos implicados se evocam e se correspondem.”

(J.-P. VERNANT. O mito hesiódico das raças: ensaio de análise estrutural. In: IDEM. *Mito e pensamento entre os gregos*. 2.ed. [1988]. Trad. Haiganuch Sarian. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p. 27-59, aqui p. 55.)

1.3. Sentido da mensagem

1.3.1. *A* proposta de Goldschmidt

“Parece-nos difícil não se surpreender com o esforço de *sistematização* que nosso texto revela. Em suma, cremos que Hesíodo reuniu, adaptando uma à outra, duas tradições diferentes e, sem dúvida, originalmente independentes uma da outra: o mito das idades e a divisão dos seres divinos; aquele se torna assim como um mito etiológico desta. [em nota: Trata-se talvez aqui do mais antigo exemplo de conciliação tentada entre um mito genético e uma divisão estrutural.]”

(V. GOLDSCHMIDT. *Théologia* [1950]. In: IDEM. *Questions platoniciennes*. Paris: Vrin, 1970, p. 141-172, aqui p. 155, grifos do autor.)

Collitz, n° 1566 A:

Seite A.

[Ἐπικοινωνῆται . . .]ασσχ .
[Διὶ καὶ Διάναι, τί]νι κα θεῶ-
[ν ἢ δαιμόνων ἢ ἥρω]άων εὐχ[ό-]
[μενος καὶ θύων] ὑγιῆς εἴη.

Collitz, n° 1582:

Inschrift a.

Θε(ο)ί. Τύχαν ἀγαθάν. Ἐπικοινωνῆται Εὐβαν-
δρος καὶ ἅ γυνὰ τῶι Διεὶ τῶι Νάωι καὶ τῶι Δι-
ώναι, τίνι κα θεῶν ἢ ἥρώων ἢ δαιμόνων
εὐχόμενοι καὶ φύοντες λώϊον καὶ ἄμεινο-
5 ν πράσσοιεν καὶ αὐτοὶ καὶ ἅ οἴκησις καὶ νῦν
καὶ ἰς τὸν ἅπαντα χρόνον.

	<i>Titre</i>	<i>Épithète</i> ⁹⁵	<i>Séjour</i>
Race d'or ⁹⁶	: δαίμονες	ἔσθλοί	ἐπιχθόνιοι
— d'argent ⁹⁷	: <δ.> δεύτεροι ⁹⁹	μάκαρες	ὑποχθόνιοι
— de bronze ⁹⁸	:	νώνυμνοι	Hadès
Héros ¹⁰⁰	: ἥρωες	ἡμιθεοί ⁹⁹ , ὀλβιοι	Iles des Bienheureux.

V. GOLDSCHMIDT. *Théologia* [1950]. In: IDEM. *Questions platoniciennes*. Paris: Vrin, 1970, p. 141-172, aqui p. 154.

1.3.2. A hipótese de Vernant

“É preciso, em particular, estabelecer o inventário e o significado dos traços distintos que Hesíodo atribui a cada uma das raças: valor simbólico do metal, gênero de vida, atividades praticadas ou ignoradas, traços psicológicos e morais, tipos diversos de juventude, de maturidade ou de velhice, forma de morte própria aos indivíduos de cada raça, destruição ou extinção dessas próprias raças, destino póstumo.”

(J.-P. VERNANT. O mito hesiódico das raças: a propósito de uma tentativa de posição crítica. In: IDEM. *Mito e pensamento entre os gregos*. 2.ed. [1988]. Trad. Haiganuch Sarian. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p. 61-103, aqui p. 84.)



Georges Dumézil (1898-1986)

A hipótese da trifuncionalidade indo-europeia



ms. London, BL, Sloane 2435, f. 85r (*Li Livres dou Santé*)

“Eu não posso resumir aqui o trabalho dos trinta anos que se seguiram. Eu direi apenas que um progresso decisivo foi realizado no dia em que eu reconheci, por volta de 1950, que a ‘ideologia tripartite’ não se acompanha forçosamente, na vida em sociedade, da divisão *real* dessa sociedade, segundo o modelo indiano; que ela pode, ao contrário, onde ela é constatada, não ser (não mais ser, talvez não ter jamais sido) senão um ideal e, ao mesmo tempo, um meio de analisar, de interpretar as forças que garantem o curso do mundo e a vida dos homens.”

(G. DUMÉZIL. *Mythes et dieux des indo-européens*. Paris: Flammarion, 1992, p. 54.)

“Assim, desenhou-se uma concepção mais sã em que a divisão social propriamente dita não é senão uma aplicação dentre muitas outras, e frequentemente ausente quando outras estão presentes, daquilo que eu propus chamar, com um termo talvez mal escolhido, mas que entrou no uso corrente, a estrutura das três ‘funções’: para além de sacerdotes, guerreiros e produtores, e mais essenciais que eles, articulam-se as ‘funções’ hierarquizadas de soberania mágica e jurídica, de força física e principalmente guerreira, de abundância tranquila e fecunda.”

(G. DUMÉZIL. *Mythes et dieux des indo-européens*. Paris: Flammarion, 1992, p. 55.)

As mitológicas de Georges Dumézil

“Se perguntarmos como as partes desse todo se articulam entre si, quais são as propriedades desse sistema, qual é o esquema de interpretação que Dumézil tem em mente quando ele empreende a análise de um novo texto cujos liames ele percebeu com a ideologia das três funções, retém-se, desde logo da leitura de suas numerosíssimas análises que, de um lado, as três funções são hierarquizadas e sempre do mesmo modo, e que, de outro lado, cada função tende a se subdividir em dois aspectos que dividem os elementos que a constituem sempre segundo um mesmo eixo.”



As mitológicas de Georges Dumézil

“Tem-se assim:

“1. Dois aspectos da soberania: de um lado, um aspecto terrível ligado à criação do mundo; de outro lado, um aspecto assegurado ligado à ordem, às leis e à religião;

“2. Dois aspectos da função guerreira: de um lado, um aspecto ligado à pura força física cuja eficácia perigosa é assegurada apenas pelo excesso; de outro lado, um aspecto ligado à coragem, ao sentido da ação, à inteligência do combate e ao espírito cavaleiresco.



As mitológicas de Georges Dumézil

“3. Quanto à terceira função, de múltiplas atribuições, Dumézil reconhece que as coisas são menos claras; porém, quando há distribuição entre dois aspectos, para além dos detalhes que fazem, por exemplo, colocar uma vez todos os animais domésticos de um lado e outra vez repartir as espécies entre os dois aspectos, parece que permanecem solidárias: de um lado, a sexualidade, o prazer, a beleza, a riqueza, a corrupção, a fecundidade, a multidão e também eventualmente a criação de animais ou o comércio ou a navegação e a água; e, de outro lado, a produção agrícola, a abundância de alimento, a terra, a paz e a piedade.”



As mitológicas de Georges Dumézil

“Vê-se, assim, desenhar-se uma matriz de no máximo seis quadriculos (quando cada uma das funções esta presente sob dois aspectos), de no mínimo três quadriculos, onde vêm se alinhar, cada um por sua vez e com precisão, os deuses dos romanos, aqueles dos germânicos, os dos indianos e também os primeiros reis de Roma, os heróis do Mahâbhârata, os arcanjos zoroastrianos, etc., e onde os lugares ocupados pelos diferentes membros de um mesmo grupo, uns com relação aos outros, marcam, para cada um, o domínio de sua ação religiosa, histórica e épica.”

(P. SMITH; D. SPERBER. *Mythologiques* de Georges Dumézil. *Annales: Économies, Société, Civilisations*, n. 26 (3-4), 1971, p. 559-586, aqui p. 560-561.)

Mito hesiódico como mito da trifuncionalidade indo-europeia

“É preciso, em particular, estabelecer o inventário e o significado dos traços distintos que Hesíodo atribui a cada uma das raças: valor simbólico do metal, gênero de vida, atividades praticadas ou ignoradas, traços psicológicos e morais, tipos diversos de juventude, de maturidade ou de velhice, forma de morte própria aos indivíduos de cada raça, destruição ou extinção dessas próprias raças, destino póstumo.”

(J.-P. VERNANT. O mito hesiódico das raças: a propósito de uma tentativa de posição crítica. In: IDEM. *Mito e pensamento entre os gregos*. 2.ed. [1988]. Trad. Haiganuch Sarian. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p. 61-103, aqui p. 84.)

1ª função	γένος χρύσειον – δίκη	γένος ἀργύρειον – ὔδρις
2ª função	γένος χάλκειον – ὔδρις	γένος θεῖον ἀνδρῶν ἡρώων – δίκη
3ª função	γένος σιδήρειον – δίκη	γένος σιδήρειον – ὔδρις

Estrutura anelar entre idade de ouro e idade dos heróis

“A estrutura formal da narrativa [...] poderia explicar, não sem dúvida a diversidade dos materiais utilizados, mas sua harmonização. O movimento circular fecha o mundo sobrenatural contra o mundo humano; ele marca a ruptura entre essa sequência da *Teogonia* [mito de Prometeu] e a idade de ferro. Ele interrompe, por certo, o movimento do declínio, desenhado até o terceiro termo; porém, a inserção, nesse ponto, dos heróis cuja vida, nas Ilhas dos Bem-Aventurados, retoma a da raça de ouro, torna mais sensível a lição moral do mito (e mais forte o voto do poeta [v. 174]), opondo a idade de ouro à idade de ferro, oposição que já havia servido de enquadramento ao mito de Prometeu. Dito de outra forma, o mito das raças, depois de ter refeito as etapas do declínio, se acaba, como o mito de Prometeu, no contraste, *sem intermediários*, entre a idade de ouro e a idade de ferro.”

(V. GOLDSCHMIDT. *Théologia* [1950]. In: IDEM. *Questions platoniciennes*. Paris: Vrin, 1970, p. 141-172, aqui p. 169-170.)

Da idade de ouro à idade de ferro: mito das raças e mito de Prometeu

“O verso 108 compõe-se com o precedente que o explicita e onde Hesíodo apresenta o mito das raças como ἕτερον λόγον, uma outra, uma segunda narrativa que, depois da primeira, a de Prometeu, constitui seu coroamento, ou seja, a recapitula expressando-lhe a essência. [...] Como alternativa ao mito de Prometeu, a narrativa das raças constitui uma outra maneira, adaptada e sábia (εὖ καὶ ἐπισταμένως), de ilustrar o mesmo tema da ruptura entre os deuses e os homens a partir de um estado em que eles viviam e prosperavam todos juntos.”

(J.-P. VERNANT. Método estrutural e mito das raças. In: IDEM. *Mito e pensamento entre os gregos*. 2.ed. [1988]. Trad. Haiganuch Sarian. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p. 105-132, aqui p. 115-116.)

1 ^a função	γένος χρύσειον – δίκη [anel]	γένος ἀργύρειον – ὔδρις
2 ^a função	γένος χάλκειον – ὔδρις	γένος θεῖον ἀνδρῶν ἡρώων – δίκη [anel]
3 ^a função	γένος σιδήρειον – δίκη	γένος σιδήρειον – ὔδρις